

Becos se transformam em depósitos de lixo

Elizabeth Fonseca, moradora da QNP 12 da Ceilândia, chama atenção para o mau estado de conservação dos becos da cidade. “Na hora de jogar lixo, todo mundo se acha dono do local. Mas na hora de limpar, não aparece ninguém, nem vizinho e muito menos a equipe da administração. Afinal, quem é responsável pela limpeza dos becos?”, pergunta Elizabeth.

Naiobe Quelem
Da Equipe do Correo

Ter vizinhos exige muita paciência: tolerar música do Bonde do Tigrão — repetida várias vezes e em último volume —, suportar filhote de cachorro latindo durante a madrugada, testemunhar todas as brigas familiares da residência ao lado e ter que estacionar o carro em outra quadra, pois o filho do vizinho está dando uma festa para aproximadamente 1.500 pessoas e a rua está intransitável. Mas, por incrível que pareça, pior é não tê-los. Os famosos becos, lotes vazios e livres para facilitar o acesso dos moradores às quadras vizinhas, há muito se transformaram em palcos de desavenças entre membros da comunidade da Ceilândia.

Os transtornos causados por um mau vizinho nem se comparam com os incômodos de conviver com a falta de educação de uma vizinhança inteira. “Todo mundo se acha dono do beco. O espaço é público, mas ninguém ajuda a preservar. Jogam entulho e até animais mortos. E o pior é que a administração nunca apareceu para limpar. Se não quisermos conviver com o mau cheiro ou ter a casa invadida por ratos ou outros bichos, nós é que temos de limpar”, desabafa Elizabeth, moradora da QNP 12, lembrando da falta de segurança no local. “Depois das 18h ninguém mais passa por aqui com medo de sofrer algum tipo de violência”, conta.

Mas conviver com os becos sujos não é tarefa apenas de quem vive na QNP 12. O problema tomou conta da cidade a tal ponto

Kleber Lima



MUITOS BECOS NA CEILÂNDIA, COMO O DO CONJUNTO C DA QNP 11, ESTÃO SUJOS E ABANDONADOS

que os moradores até desconfiavam que a responsabilidade pela conservação do local seja deles.

“Eu acho que nós é que temos de limpar, porque a administração nunca apareceu por aqui”, diz o aposentado Francisco Raimundo da Nóbrega, 75 anos, morador da QNP 20, mostrando o beco quase limpo. “Esse daqui tem dono. Mas como ele nunca aparece para limpar, o jeito é botar as mãos no cabo da enxada e tomar providência. Se a gente esperar providência dos responsáveis, o mato toma conta desse lugar. Eu e outro vizinho capinamos tudo. Agora, só falta recolher o mato”, diz satisfeito, mostrando o resultado.

Assim como Francisco, outros moradores, vizinhos aos becos, se habituaram a limpar a área. No entanto, há locais onde o mato e a sujeira colocam em risco a segurança e a saúde da população. Mato, animais mortos, restos de comidas e entulhos de toda sorte — desde brinquedos quebrados

até colchões e sobras de construção — disputam espaço no reduzido beco, que não serve de passagem para ninguém.

PROGRAMA HABITACIONAL

O chefe de gabinete da Administração da Ceilândia, Juan Carlos Del Carpio Natcheff, acredita que em breve esse problema não estará mais atormentando os moradores. “Foi justamente para evitar esse tipo de transtorno que os becos da Ceilândia entraram para o Programa Habitacional do GDF e foram transformados em lotes, destinados aos profissionais da área de segurança pública, ou seja, policiais militares, civis e bombeiros que se enquadram nos critérios do programa”, explica.

De acordo com Juan, serão cerca 3.600 lotes em toda a cidade, com exceção para a QNQ, QNR e Expansão do Setor O. “A distribuição começou no P Sul e P Norte. De posse do lote, o beneficiado terá que cercar a área

imediatamente, e, em no máximo seis meses, deverá apresentar projeto e construir, pelo menos, 68m². Isso evitará o abandono e contribuirá para a melhoria da segurança”, aposta o chefe de gabinete.

No entanto, não é isso que vem acontecendo. Muitos beneficiados receberam os lotes e nem sequer tiveram o trabalho de cercar. Isso causa impasse na hora de decidir quem deveria manter o local limpo: o espaço continua aberto ao público, mas é uma propriedade privada pela qual a administração não tem mais responsabilidade pela conservação. “Mesmo assim, temos o dever de zelar pelo bem estar e saúde da comunidade”, admite Juan. “As pessoas podem continuar fazendo pedidos de limpeza. A primeira providência será verificar na Secretaria de Habitação se o lote foi entregue. Se sim, o proprietário será notificado. Mas de qualquer forma, providenciaremos a retirada do lixo”, garante Juan.